

Afif e Freire buscando as bênçãos da CNBB

Num país de tradição católica, o apoio político da Igreja é essencial aos governantes. O aval da Igreja é disputado palmo a palmo pelos candidatos à Presidência da República: todos, inclusive os comunistas, querem poder contar com a simpatia e até a militância dos mais de 20 mil padres espalhados nas sete mil paróquias de todo o País. Ontem, um dia após a visita do candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, ao papa João Paulo II, o presidente da CNBB, d. Luciano Mendes, recebeu os candidatos do PCB, Roberto Freire, e do PL, Guilherme Afif Domingos. Outros cinco presidenciais já estão agendados.

"Vim pedir a bênção ao padre", afirmou Afif, ao se encontrar com Freire na

entrada da sede da CNBB, em Brasília, deixando claro que esperava colher dividendos com a visita. Freire, que foi o primeiro líder comunista a ser recebido pela CNBB, reagiu: "Viemos por motivos diferentes", afirmou, esclarecendo que "não estava preocupado com o voto da Igreja", mas com a importância política do encontro.

Bispos e padres não assumem abertamente posições a favor de candidaturas. Eles defendem princípios e traçam perfis de candidatos que inspiram a confiança da Igreja. "Os candidatos sabem que os padres exercem papel importante na formação política", admitiu o monsenhor Arnaldo Bertraine, assessor de imprensa da CNBB.

Na verdade, a Igreja é uma poderosa rede de difusão de candidaturas. Presente em todos os municípios brasileiros e com um número expressivo de "militantes fiéis", ela exerce papel quase que definitivo nas eleições. Episódios como o do senador Fernando Henrique Cardoso, que admitiu ateísmo durante sua campanha à prefeitura de São Paulo, em 85, são capazes de derrubar, sem retorno, qualquer pretensão eleitoral.

Os candidatos sabem o efeito eleitoral do apoio da Igreja. Uma foto ao lado do papa, como a que Collor certamente exibirá em campanha, tem um valor inestimável. Os demais candidatos, portanto, vão continuar tentando o apoio da Igreja brasileira.